

HISTÓRIA E TEMPO DE FICÇÃO EM JOSÉ SARAMAGO

Genésio Seixas Souza
Universidade do Estado da Bahia/ Universidade Federal da Bahia

A multiplicidade de abordagens a que se vem atendo as inúmeras questões que suscita a liminaridade instalada entre os textos histórico e literário na escritura de José Saramago é motivo da presente intervenção que se orienta no sentido do próprio autor tecer reflexões sobre estas questões no seu próprio texto.

Tendo em vista que a temática da História é o eixo central na ficção de Saramago, o tratamento professa-se num sentido muito lato, não só abrangendo temas mas também o tratamento ficcional específico dos materiais da História na narrativa literária – “o romance histórico” – modo de refletir sobre a dimensão do tempo na ficção: passado, futuro ou a perspectiva de intemporal ou do ucrônico. A dimensão que transfigura os romances do autor como romances históricos, aponta sobretudo, e pelo menos por ora, o que na obra desse escritor constitui um pensamento específico do tempo, que é nela ficcionado como decurso fundamental da existência humana assente na tessitura social, e na experiência temporal do homem configurada no cotidiano existencial e atualmente emergente.

A versão ficcional realizada por Saramago, quando revisita os textos históricos ortodoxos, consegue proporcionar uma visão tão contundente da época que chega a soar como mais *verdadeira* que certas versões apresentadas como históricas a respeito. Os espaços “omissos” deixados por essas versões históricas, reconstruindo ficcionalmente o que foi silenciado e contando *o que poderia ter sido*, suscita o questionamento da exclusividade que os estudos analíticos têm atribuído ao paradigma centrado no tempo, o qual seria responsável por manter difusas as distinções entre História e Literatura. Dentre os autores afetos aos estudos literários,

Ricoeur¹ afirma “a identidade estrutural entre a historiografia e a narrativa de ficção” demonstrando a busca “entre a exigência de verdade dos dois modos narrativos”, por considerar o caráter temporal da experiência humana “o desafio último, tanto da identidade estrutural da função narrativa quanto da exigência de verdade de toda obra narrativa”. No estudo de *Tempo e narrativa*, o autor enforma modos de temporalidade ou seja, um tempo prefigurado, um tempo configurado e um tempo refigurado(Ricoeur)², demonstrando com isto a preocupação com a ficção literária, onde as técnicas de composição textual configuram a experiência fictícia do tempo no texto literário, sendo “apenas o aspecto temporal de uma experiência virtual do ser no mundo proposta pelo texto”³.

No *Memorial do Convento* a reconstrução ficcional do que foi silenciado, aponta no sentido da oposição fundamental da Ficção e História, onde a estruturação do romance está centrada na tensão entre uma visão do que se poderia supor “oficializada” da História e outra de sentido diametralmente oposta à visão histórica oficial, deste modo diretamente contestada e criticada, perlaborada na configuração textual como um todo, aparecendo como a reconstrução ficcional de uma época que contesta certas versões construídas sobre esta mesma época pela História oficial. Esta espécie de visão histórica que se internaliza e informa o trabalho artístico de José Saramago, coloca na consciência do leitor a reflexão sobre o imponderável da realidade artística. Na argamassa da História e ficção, o autor faz com que a realidade não suporte o seu próprio reflexo, rejeitando-o, instaurando uma realidade outra no lugar daquela que se quis expressar. História e ficção se mostram explicando-se, se enumeram.

Na visão convergente de Genette, que adota a perspectiva da análise narrativa centrado nas categorias da gramática verbal e orientado pelo tempo, modos e a voz, demonstrando a

¹ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa; tomo I*. Campinas: Papirus, 1994. p. 15.

² Id., *ibid.*, p. 87.

³ Id., *ibid.*, p. t.2, p.182.

evidente relação direta entre a função verbal e a função narrativa no exame entre o real e o ficcional, observa-se que o estudo aponta para a evidência de que o pretérito da narrativa de ficção “não tem a função de exprimir o passado” pois “mostrar no espaço é um mostrar autêntico, ao passo que um mostrar no tempo é apenas transferido”⁴.

N’*Os Circulos da Leitura*, os estudos apresentados em torno do *Memorial do Convento*, endossam a questão das vozes, modos e tempo do discurso narrativo, quando dizem que:

O narrador do Memorial, sendo heterodiégetico, assume uma voz que se impõe, garantindo a organização da narrativa, ao mesmo tempo que analisa e comenta através de vozes judicativas.

Trata-se de um narrador do nosso tempo com uma capacidade parcial, analítica e crítica, advindo-lhe esta parcialidade tão só do facto de o tempo inviabilizar a plena compreensão do sentimentos e motivações de um monarca barroco. É um contador de histórias, cúmplice do leitor com quem, frequentemente entra em práticas lúdicas, incitando-o, acima de tudo, a completar as suas voluntárias omissões. Sendo onisciente, arbitrária e pontualmente limita a sua onisciência, criando uma espécie de *voz off*, em que o demiurgo dá lugar a vozes outras, sempre por ele controladas. Trata-se de ficção e não de história e, por tal, a parcialidade acima referida, in dispensável à arte do romance⁵.

Através da superposição dos níveis narrativos em Saramago como a história do processamento de um ficção, espécie de arquitrato, onde se fixam marcas dos vários tempos que a sua ficção atravessa, transfigura, como exemplo em *História do cerco de Lisboa*⁶, a consciência crítica com que o narrador elabora de forma lúcida a sua proposta de leitura-escrita do passado, e que, enquanto leitura, pode ser histórica, mas como escrita revela a criação do porvir, de um lugar concreto, lugar do texto e de sua forte incidência na tessitura social.

A forte dimensão social da obra de Saramago e as indagações sobre como modula a história literária que convoca na sua escritura, dialogando com as formulações contemporâneas

⁴ GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Lisboa: Vega, [s.d.]. p. 48.

⁵ LEÃO, Isabel Vaz Ponce & CASTELO-BRANCO, Maria do Carmo. *Os círculos da leitura*. Porto: Oficina Gráfica da Universidade Fernando Pessoa, 1999. p. 65.

⁶ SARAMAGO, José. *História do Cerco de Lisboa*. São Paulo: Circulo do Livro, s.d.

de construir ficção, revelam o vínculo com as matrizes do romance neo-realista, devassando as profundezas da alma humana atreladas ao psicologismo modernista e questionadas pela problemática existencialista. Referência e exemplo lapidar da sensibilidade literária manifestada pela generalidade do romance pós-moderno, o escritor português traz intacta a marca da modernidade, sobretudo na capacidade interventiva da sua escrita e na constuição modelarmente elaborada e refletida dos seus textos que revelam os problemas concretos do homem e do mundo, situando-os na comunidade humana respectiva e facultando-lhes o seguimento ficcional que o processo de uma dinâmica existencial e histórica pode fundamentar, peculiaridades reveladoras de um universo mental e estético próprio.

Como bem observa Maria Alzira Seixo em *Saramago e o tempo da ficção*⁷, os estudos de Linda Hutcheon e o seu livro *Poética do pós-modernismo*⁸ trazem descrições rigorosas e adequadas da maioria dos processos utilizados nos romances de Saramago, onde se verificam alguns dos procedimentos reconhecidamente pós-modernos da ficção contemporânea:

- o gosto por formas de reescrita (literária ou histórica: *O ano da morte de Ricardo Reis*, *História do cerco de Lisboa*, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*)
- gosto da alteração ou correção do passado (*Memorial do convento*, *História do cerco de Lisboa*, *O Evangelho segundo Jesus Cristo*)
- a adoção, na narrativa, do ponto de vista do outro, um provável “ser historiador”, inscrito na “nova história”, onde só existe verossimilhança e não verdade, seleção e valoração dos fatos regido pelo enunciador presente, como discurso incoerente e lacunar, apontado a impossibilidade da revelação da história total, promovendo a

⁷ SEIXO, Maria Alzira. Saramago e o tempo da ficção. *Anais do 6º Congresso Internacional de Lusitanistas*

⁸ HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo; história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

inevitável subjetividade do historiador, opondo a história narrada do discurso do poder, revelando os fatos através da visão do povo, conferindo-lhe o papel principal, dos fatos cotidianos, dos atores secundários, dos excluídos, dos vencidos, etc.; o ponto de vista dos soldados e dos operários, dos condenados pela Inquisição, das bruxas, dos visionários em *Memorial do Convento*; o ponto de vista dos árabes, em *História do cerco de Lisboa*; o ponto de vista do cidadão anônimo, entendido, aliás, como o efetivo fator das alterações sociais, em *Jangada de pedra*)

Não se observa contudo, no romance sempre empenhado de José Saramago, a tendência mais comum do pós-modernismo, expressa no apagamento das axiologias e dos sistemas de valores voltada para a indiferenciação político-social, aspecto justificado pela marca indelével da modernidade, expressa na construção interventiva e modelarmente elaborada que se vê nos seus textos, nele ressaltando sempre a dimensão humana e, de modo discreto, mas agudo, a função que nela desempenham os sentimentos, e nomeadamente o amor, recurso que a obra literária encerra como único meio de provisória certeza e de determinação transitória do concreto.

Tecendo as emendas da História através da ficção é que José Saramago revela o princípio balizador de que todo discurso – como linguagem – seja ele o discurso da História, estabelece com o referente uma lacuna irreparável: “tudo o que não for vida, é literatura. A história também. A história sobretudo, sem querer ofender”⁹. A falência inicial de poder suprir com a palavra o espaço do acontecimento, a consciência de que só há restos e vestígios, farrapos da História e do tempo passado, quando se pressupunha transitar em um terreno da verdade, não

⁹ SARAMAGO, José. *História do Cerco de Lisboa*. São Paulo: Circulo do Livro, s.d. p. 15

anula o processo de criação na Linguagem; pelo contrário, incita a produção quer de textos ficcionais, quer de releitura da História. Ao saber-se incapaz de assumir o papel de “ressucitar os mortos”, a História se propõe uma releitura dos documentos, não mais como “armazéns da verdade”, mas como discursos que fixaram, de maneira parcial e pessoal, um dado acontecimento. De certa maneira o historiador, para asseverar a veracidade do documento, começou por duvidar dele, pois o compreendeu como uma produção que determinados agentes sociais puderam fixar no tempo de modo a preservar o poder. As minorias são pobres em documentos, por isso se tornaram pobres em História. Imerso na multiplicidade e na diferença, o historiador contemporâneo, indaga-os em seus silêncios, em suas ausências, seus vazios e falhas, indo para além deles através dos recursos que a imaginação lhe habilita para tecer, com os farrapos, uma leitura possível da História dos homens, autorgando mais ao presente o papel de reavaliador do passado, incompleto e fragmentado, labor que mais apaixonado nos faz pensar a questão da reinvenção do que propriamente a do resgate da história.

Ultrapassando a falência pela própria exacerbação, a ficção cria aquela impossibilidade de a linguagem dizer de forma idêntica o referente: alimenta-se justamente deste logro e desta criação, explode as fronteiras do imaginário e se afasta do objeto, para se construir como imagem dele: se denuncia na análise arguta que a contemporaneidade aprendeu a fazer dos discursos supostamente eternos, restando ao historiador e ao ficcionista a denúncia da utopia do resgate e a elaboração em garantia de sua própria superação. Neste território a ficção arrola para si a supremacia da criação, da reinvenção, do desvio do caminho, domínio em que é preciso perder o mundo para recriá-lo em outra dimensão.

José Saramago é um escritor de idéias, é um escritor de representação, um autor-reconstrutor da realidade, embora sem ilusões nem crenças, (das quais fomos progressivamente abandonando) preocupa-se com o mundo efetivo como um pensador otimista e de fato

construtivo: dos seus livros emana lições e reflexões de vida, embora nem sempre explícitas, porém enriquecidas pela ambigüidade; sente-se, como música, uma perfeição nos seus textos, derivativos e disseminadores, mas acabados, onde a frase que inquieta e intermitente se ata e reata, a frase que se retoma, em fluxo e refluxo, toda ela vírgulas, quase sem pontos finais, sem querer partir-se em pontos parágrafos de modulações de voz ou de quebra do sentido, salvo em cadências específicas nas frases do conhecimento que se vai construindo na mancha negra da página.

Os romances do escritor português, nesta interface História e ficção parecem indicar que a História é uma espécie de palácio labiríntico do qual nunca nos entediamos porque nunca somos capazes de conhecê-lo inteiramente. Fragiliza sua monumentalidade quando destitui o poder instituído em nome das falas exclusas. Fragmenta o fatual, historiciza o fantástico e faz do absurdo uma forma de pensar a crise. Aí, onde as regras da historiografia pareceriam corromper-se, instala-se a urgência de escrever uma história do homem, de resgatar sua presença no mundo, de rever eticamente a cultura em que se insere e a trajetória a ser percorrida, num relato onde o presente se projeta igualmente como construção e como resgate das expectativas nem sempre realizadas.

Estimo que estas modestas intervenções possam nos levar a refletir sobre a fala de Walter Benjamim¹⁰, quando nos lembra como a cada nova geração foi-nos concedida uma força evocativa e messiânica, onde o passado como voz em apelo lançada no vazio cósmico, replicando intermitente por uma resposta, indaga em perene ressonância: não ouves nas vozes do presente, ecos das vozes que emudeceram?

¹⁰ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: *Obras Escolhidas*. 4.ed. São Paulo: Brasiliense. [s.d]. p.225.